

# Notas Híbridas: processos poéticos e subjetivos

Hybrid Notes: poetic and subjective processes

Emerson Massoli<sup>1</sup>

Reinilda Minuzzi<sup>2</sup>

## Resumo

Em *Notas de pedidos de desculpas* desenvolve-se uma articulação entre os processos artísticos e os tópicos teóricos envolvidos no fazer e no pensar desta obra. A poética baseia-se no conceito de “repetição”, fundamentado em Gilles Deleuze (2018), explorado esteticamente e teoricamente como potência na prática artística, caracterizada por processos híbridos, incluindo tecnologias analógicas e digitais, assim como técnicas manuais e automatizadas. O trabalho, pertencente à série NOTAS (2024), possui como motivação artística a minha própria subjetividade, em constante construção. Desta forma, investigo na instauração da proposta, a escrita como possibilidade de meio para a produção de processos de subjetivação, assim, desdobrando-se para um maior conhecimento de si e constituição do “eu”, respaldado em textos de Michel Foucault.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Repetição; Processos Híbridos; Escrita Poética.

## Abstract

In *Notas de pedidos de desculpas* I develop an articulation between the artistic processes and the theoretical topics involved in the making and thinking of this work. The poetics is based on the concept of “repetition”, based on Gilles Deleuze (2018), explored aesthetically and theoretically as a power in artistic practice, which is characterised by hybrid processes, including analogue and digital technologies, as well as manual and automated techniques. The work, which is part of the NOTAS series (2024), has as its artistic motivation my own subjectivity, which is constantly under construction; in this way, I investigate writing as a possible means of producing processes of subjectivation, thus unfolding towards a greater knowledge of the Self and the constitution of the Self, supported by texts by Michel Foucault on the subject.

**Keywords:** Subjectivity; Repetition; Hybrid Processes; Poetic Writing.

1

Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Bacharel em Artes Visuais na mesma instituição e Licenciado em Artes Visuais (Formação Pedagógica) no Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Membro integrante do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq-UFSM. E-mail: emersonmassoli@gmail.com

2

Doutora em Engenharia de Produção/Gestão do Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orientadora e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq - UFSM. E-mail: reinildaminuzzi@gmail.com

## Arte e Vida

Arte e vida, uma ligação interdependente desde os princípios do desenvolvimento da humanidade. A escrita da nossa história, muitas vezes, só foi possível através de vestígios encontrados em registros artísticos, que narram a vida humana a partir de diversas dimensões e diferentes contextos; percorrendo a arte rupestre, até a invenção da fotografia, registrando a passagem do tempo e, por consequência, a vida, em um aspecto geral. No entanto, no início do século XX, a arte adquire uma nova perspectiva: a figura do artista se sobressai e a subjetividade individual de cada um torna-se impulso criativo, traduzindo na forma de arte, particularidades internas ligadas a experiências de vida precedentes.

Alain Badiou (2013) afirma que a arte contemporânea deve mostrar a fragilidade do que existe, o tempo. Assim, criando uma arte viva que pretende substituir a imobilidade da obra pelo movimento da vida, portanto, não se objetiva mais a eternidade de algo por meio do registro artístico, mas sim, confrontar e compartilhar esse tempo, neste caso, a efemeridade da vida (Badiou, 2013, p. 4).

Desta forma, a relação com a obra de arte também se modifica, a contemplação torna-se uma ação secundária, visto o caráter da arte contemporânea de compartilhar a vida, assim, produzindo um efeito sobre o tempo. "Poderíamos incluir que a arte clássica expressava uma instrução ou uma lição para o sujeito, e que a arte contemporânea aponta hoje ações que visam questionar e transformar o sujeito" (Badiou, 2013, p. 4). Portanto, as produções contemporâneas da arte tencionam para transformações subjetivas e questionamentos do sujeito, partindo da perspectiva de serem um testemunho vivo sobre a própria vida.

Nesse sentido, as transformações são mútuas e em diversas instâncias. O artista, ao depositar a sua subjetividade como um dos impulsos para a prática artística, modifica-se com a reflexão e exteriorização de suas vivências e visão de mundo. Juntamente, as produções resultantes dessas ações também realizam uma interferência sobre o tempo que estimulou o seu desenvolvimento. Por fim, tais obras reverberam sobre o público e produzem transformações no tempo em que estão inseridas, sendo o mesmo do artista, o qual experimenta esse tempo modificado, influenciando a sua



vida e a subjetividade aplicada em produções futuras. Desta forma, cria-se um ciclo de transformações

Se a arte pode emergir da vida, afirmando-se na sua especificação, é porque ela já está na vida inteira, que, contendo-a, prepara e prenuncia a sua especificação. E, no ato de especificar-se, ela acolhe em si toda a vida, que a penetra e invade a ponto de ela poder reemergir na própria vida para nela exercitar as mais variadas funções: como a vida penetra na arte, assim a arte age na vida (Pareyson, 1997, p. 41).

Para Luigi Pareyson (1997) a relação arte e vida possui dois aspectos inseparáveis. O primeiro é referente à arte como uma atividade especificada, que emerge da vida e, com isso, se diferencia dela, possuindo natureza, características e finalidades próprias. No entanto, o segundo aspecto fala a respeito da extrema ligação da arte com a vida humana, em especial, com a do artista; o qual confia a sua subjetividade na arte, tornando-a vida e razão de vida (Pareyson, 1997, p. 55).

A arte, emergindo da vida e sendo o reflexo da subjetividade particular de cada artista, conduz para que as experiências de vida individuais sejam o conteúdo que impulsiona e potencializa a prática artística de cada um. A interioridade do artista, construída por meio do seu modo único de fruir a vida, dá o conteúdo da obra de arte, traduzida da imaterialidade e espiritualidade para a concretude de uma forma.

Forma e conteúdo são tidos em Pareyson (1997) como coincidentes, dentro de um conjunto, partindo do ponto de vista de uma análise da obra de arte. Deste modo, o conteúdo só é constituído no ato em que nasce a forma, e a forma é a expressão acabada do conteúdo. No ato criativo, provindo da subjetividade e das experiências de vida do artista, a expressão do conteúdo é a forma se fazendo, assim como a forma dá sentido ao conteúdo. Portanto, dentro deste ponto de vista, fazer arte é formar conteúdos subjetivos, traduzir o sentimento em imagem, exprimir tal conteúdo (Pareyson, 1997, p. 57).

Há arte quando o exprimir apresenta-se como um fazer e o fazer é, ao mesmo tempo, um exprimir, quando a formação de um conteúdo tem lugar como formação de uma matéria e a formação de uma matéria tem o sentido da formação de um conteúdo. A arte nasce no ponto em que não há outro modo de exprimir um conteúdo que o de formar uma matéria, e a formação de uma matéria só é arte quando ela própria é a expressão de um conteúdo (Pareyson, 1997, p. 62).

O exprimir, em outra instância, também envolve a reflexão pessoal do artista acerca da sua prática artística. Tal pensamento, na arte contemporânea, é exprimido por meio da escrita. Glória Ferreira (2006) comenta que a reflexão teórica do artista sobre as suas próprias obras ganha relevância a partir da década de 1960, como um instrumento potente dentro do sistema da arte, visto a complexidade entre as articulações da produção artística, da crítica, da teoria e da história da arte. Tais escritos explicitam o pensamento poético subjetivo de cada artista, ressaltando a interdependência do fazer e do pensar artístico, centralizando-se em problemas, soluções e modos de produzir particulares (Ferreira, 2006, p. 15).

Nessa perspectiva, faz-se um deslocamento da palavra para o interior das produções, tornando-a constitutiva e parte integrante da obra. Em certas poéticas, a escrita/palavra apresenta-se como a própria produção, adquirindo uma nova dimensão, explorando a infinitude de perspectivas a qual as palavras possibilitam. Nesta ocasião, a escrita do artista sobre tal trabalho é uma espécie de interpretação particular da palavra como obra, presente em sua poética, com base em seus contextos e experiências de vida.

Tendo em vista o exposto sobre a relação arte e vida, o presente artigo apresenta a instauração do trabalho *Notas de pedidos de desculpas*. Nele, desenvolvo uma articulação entre os processos artísticos e os tópicos teóricos envolvidos no fazer e no pensar da obra, constituída a partir do meu conteúdo subjetivo, o qual é traduzido e expresso na forma de uma matéria (a obra). A prática artística em curso de pesquisa caracteriza-se pelo seu caráter híbrido, articulando tecnologias analógicas e digitais, decorrentes de técnicas manuais e automatizadas.

No encaminhamento dessa poética em discussão, estão relacionados ao processo artístico a formalização teórica do pensamento que emerge desse fazer poético, onde questiono e proponho os conceitos de “repetição” e “diferença”, fundamentados em Gilles Deleuze (2018); a escrita como possibilidade de exteriorização da subjetividade, questão respaldada em textos do filósofo francês Michael Foucault. Tais tópicos auxiliam nos modos de fazer e pensar a instauração da obra, construindo uma relação mútua de contribuição entre os aspectos práticos e teóricos envolvidos na realização de uma poética em artes visuais.

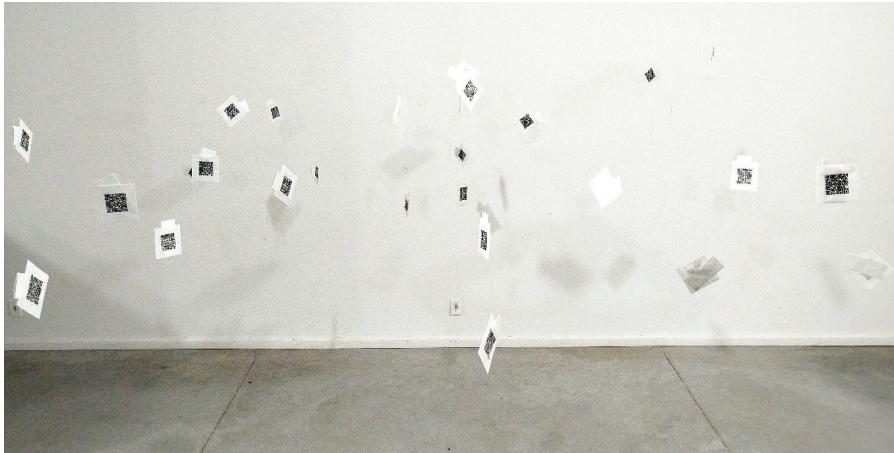
### Processos de Subjetivação

A obra *Notas de pedidos de desculpas* (Figura 1), pertencente à série *NOTAS* (2024), é uma instalação formada por elementos suspensos, identificados como envelopes, possuindo em seu interior um pedido de desculpas escrito manualmente. Além disso, no seu exterior, na parte traseira do envelope em material transparente, encontra-se presente um QR Code que, quando acessado, direciona o usuário para um vídeo da digitalização da mesma mensagem contida no envelope.

Na referida série de trabalhos, exploro a escrita como uma possibilidade e potência criativa na arte contemporânea. Nessa perspectiva, a estética da escrita – tanto manual quanto digital – é utilizada como um elemento pertencente à visualidade da obra, atribuindo uma outra dimensão para a produção artística. O público será confrontado em duas instâncias diferentes: uma referente aos aspectos da linguagem visual, e outra, relacionada à linguagem da escrita. Assim, as interações subjetivas serão diferentes em cada um dos elementos. No entanto, os dois modos se complementam e são indivisíveis, formando a obra como um todo.

As mensagens presentes no interior dos envelopes são “pedidos de desculpas”, de autoria própria e direcionadas a mim mesmo. Tais pedidos evocam a minha subjetividade, retomando questões do passado que devem ser retrabalhadas em meu íntimo, além de trazer à luz outras problemáticas mais recentes que necessitam de possíveis soluções.

Figura 1 – *Notas de pedidos de desculpas*, instalação, Emerson Massoli (2024)



Fonte: acervo Emerson Massoli.

Tem-se a prática artística como um processo de entrega, de enfrentamento do artista com a obra em realização e com ele mesmo. Vejo na arte, especificamente nessa série de trabalhos, uma possibilidade de exteriorização de experiências de vida que afetam a minha vivência e a forma como compreendo o mundo, além de me moldarem como um sujeito particular em meio à sociedade atual. O trabalho é uma manifestação de minha constante formação como sujeito; percebo que, dentro deste sujeito singular, a faceta artista se faz presente e não separável do restante. Deste modo, as questões subjetivas exploradas artisticamente neste trabalho influenciam a minha vida de forma tão profunda que não poderiam ficar apartadas da minha prática artística.

Desta forma, investigo, como conteúdo deste trabalho, a minha vulnerabilidade; pedidos de desculpas por ações que afetaram a minha vivência em sociedade, principalmente na relação com o outro, mas que, ao mesmo tempo, formaram-me como sujeito consciente destes atos e que, assim, vislumbrou nessas interrogações uma potência para o seu fazer artístico, expondo questões internas que poderiam ficar privadas do acesso de outras pessoas pela eternidade, mas que necessitavam ser exteriorizadas por meio da arte, para que sua conscientização torne-se concreta para mim.

É nesse presente da obra em realização que elaboro os conceitos que toda prática artística exige e adentra o campo conceitual envolto

de minha poética. Michel Foucault (2002) afirma que a escrita de si pode constituir-se como uma prova, trazendo uma abertura de luz aos movimentos do pensamento e eliminando a sombra que impossibilitaria o acesso ao entendimento destes pensamentos. No entanto, assim como qualquer atividade ou habilidade, a escrita necessita de exercício, e a aptidão da técnica de escrita de si possibilita aprender a arte de viver (Foucault, 2002, p. 131-132).

Portanto, a escrita de si é entendida como um adestramento de si por si mesmo. O conhecimento de si mesmo é uma busca constante na vivência do ser humano, mesmo que, muitas das vezes, esse exame próprio esteja sendo feito de forma inconsciente e involuntária. Assim, a necessidade de entender a si mesmo se faz cada vez mais relevante na contemporaneidade, visto a liberdade que tal ação possibilitaria e a melhoria no desenvolvimento de si mesmo, algo que a escrita poética potencializa.

Nessa cultura do cuidado de si a escrita é, ela também, importante. Dentre as tarefas que definem o cuidado de si, há aquelas de tomar notas de si mesmo – que poderão ser relidas -, de escrever tratados e cartas aos amigos, para os ajudar, de conservar os seus cadernos a fim de reativar para si mesmos as verdades de qual precisaram. [...] Cuidar de si, de agora em diante, vai paralelo a uma atividade de escrita constante. O si é algo sobre o qual há assunto para escrever, um tema ou objeto (um sujeito) da atividade de escrita (Foucault, 1994, p. 8).

A escrita de si é um cuidado de si, um zelo mental de si mesmo, que só é possível ser feito por nós mesmos, pois o acesso a nossa subjetividade íntima é particular de cada sujeito, ao mesmo tempo que o modo de experimentar a vida também é único. No entanto, essa ação também é realizada no contato com o outro, pois a formação do sujeito se dá por meio da relação e troca com os semelhantes.

A atividade do cuidado de si, vista aqui como o zelo pela alma (neste momento não envolvendo o físico), é constante durante nossas vidas. Normalmente, ocorre de forma automática em nossa mente. Contudo, para alguns sujeitos, esse conhecimento sobre si fica apenas no plano espiritual



e não se efetiva. Assim, precisa ser visto de forma concreta, para, por fim, realmente ser apreendido. Dentro desta perspectiva, a escrita serviria como uma possibilidade e potencialidade para concretização deste conhecimento de si; o que está sendo explorado dentro desta prática artística em discussão.

É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma (Foucault, 2002, p. 144).

O cuidado de si é algo que percorre toda a nossa existência e deve ser entendido como uma ação contínua na alma vinculado aos diferentes modos de vida que adotamos durante nossa vivência no plano terrestre. Diante desta constatação, sendo artista, vejo a arte como uma possibilidade e potencialidade para desenvolver esse cuidado sobre o meu “eu”, explorando questões internas e subjetividades como os conteúdos do meu fazer artístico, traduzidos na forma material da obra.

Michel Foucault (1994) indica que o cuidado de si é presente desde a antiguidade, principalmente, nos impérios romanos e grego. Tais ações sobre o zelo da alma e, por consequência, do corpo, são nomeados pelo autor como “técnicas de si”, estando a escrita presente dentro dessas inúmeras técnicas, como um elemento norteador desses atos de cuidado próprio (Foucault, 1994, p. 3).

Logo, a escrita envolta à obra *Notas de pedidos de desculpas* é, para mim, ao mesmo tempo que uma prática artística, um processo de exame de consciência sobre as minhas próprias ações. Me torno juiz dos meus atos ao tomar consciência da forma como encarei a vida, anteriormente. Isso, sempre se referindo ao passado, pois as ações da atualidade só serão percebidas e apreendidas com o distanciamento necessário do tempo.

Considerando a singularidade de minha proposta artística, esclareço que esse trabalho não deve ser visto como uma sentença, um juízo de acertos e erros de modos de viver, mas sim, compreendido como uma prática imersiva em si mesmo. Os inúmeros pedidos de desculpas presentes na obra não são faltas cometidas, mas ações de boas intenções





que permaneceram no estado da intenção, por motivos diversos referentes, tanto ao “eu”, quanto à recepção deles pelo outro. Assim, a escrita das desculpas constitui um meio de agir corretamente no futuro, e não de julgar a si mesmo pelos atos do passado, permitindo um conhecimento e cuidado de si mesmo.

O trabalho *Notas de pedidos de desculpas* possibilita que sejam feitas lembranças das ações que levaram aos pedidos de desculpas, servindo também, por meio da escrita, como um testemunho dos meus modos de experimentar e agir sobre a vida, assim como recordar o Eu do passado. Ao mesmo tempo, serve como uma espécie de caderno de ensinamentos, visando a não ocorrência dos mesmos atos em situações semelhantes.

Nesta perspectiva, são produzidos em mim os processos de subjetivação, durante minha prática artística no decorrer da instauração da obra em discussão. Reflito, durante os processos artísticos, como aquelas ações realizadas anteriormente levaram aos pedidos de desculpas presentes nas notas e se ajustam àquilo que deveria ter sido feito para impedir que tais atos acontecessem. Não exploro a minha própria culpabilidade diante destas ações, ao contrário, agora consciente destas atitudes, reflito como agir futuramente frente a situações similares.

Nesse sentido, Ferreira (2006) afirma que a escrita teórica do artista, em forma de reflexão sobre a sua própria prática artística e da concretude da obra, permite um maior entendimento pessoal sobre o seu modo de fazer arte e o contexto de vida ao qual está inserido e que, simultaneamente, sua obra faz parte e afeta essa conjuntura complexa.

O lugar ou a situação em que o artista exercita sua prática, assim como o discurso sobre essa prática, torna-se elemento central das estratégias poéticas e do debate em torno delas. Os artistas explicitam a situação em que seus trabalhos são concebidos, na medida em que concepção e apresentação tendem a coincidir (Ferreira, 2006, p. 21).

Desta forma, o fazer artístico e a reflexão teórica sobre ele me impulsionam e possibilitam que o meu “eu” se desenvolva de forma mais consciente dos meus atos, dentro do complexo contexto das relações



interpessoais contemporâneas, permitindo, principalmente, uma análise sobre minhas ações precedentes à obra e que motivaram esta prática artística.

Vislumbro, dentro desta poética, a criação de um ciclo de processos de subjetivação pessoais, partindo de experiências e modos de fluir a vida, resultando em subjetividades diversas, explorando-as como potencialidade e impulso criativo para o meu fazer artístico, posteriormente refletindo e escrevendo como tal prática artística interfere e me molda como um novo sujeito disposto a experienciar o mundo de forma diferente do sujeito-artista do começo do ciclo, mas retornando ao fazer artístico como processo de subjetivação, conhecimento e cuidado de si.

Michel Foucault cita, como uma das técnicas de si, a askêsis, técnica definida pelos estoicos como um ato de rememoração, e não uma revelação do si secreto. “Devo sublinhar o fato de que não é a decodificação de si, nem os meios de que se lança mão, para revelar um segredo, que são importantes no estoicismo; o que conta é a lembrança do que se fez e daquilo do que se é tido como feito” (Foucault, 1994, p. 12). Nesse sentido, entendo a minha prática artística como uma askêsis, na perspectiva de me rememorar os contextos e tornar-me consciente das ações referentes às desculpas presentes na obra, como uma subjetivação da verdade.

A *askêsis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode obter, assimilar a verdade, e transformá-la em um princípio de ação permanente. A *alêtheia* se torna o *éthos*. É um processo de intensificação da verdade. [...] consideração progressiva de si, a maestria de si – uma maestria à qual se alcança não pela renúncia à realidade, mas ao se obter e assimilar a verdade. O objetivo final da *askêsis* não é preparar o indivíduo para uma outra realidade, mas de lhe permitir acessar a realidade deste mundo (Foucault, 1994, p. 12-13).

A prática artística da obra *Notas de pedidos de desculpas* torna-se, assim, uma ferramenta de acesso às minhas verdades que estavam ocultas, mas se revelam progressivamente, no decorrer da instauração do trabalho. Em meio ao fazer artístico, vou assimilando a minha realidade subjetiva, buscando uma melhor forma de experienciar o mundo. Transformo-me em



mestre do meu “eu”, armado com a minha verdade, exposta por meio da arte, verificando se sou capaz de utilizar do discurso exteriorizado na forma de obra, face a acontecimentos semelhantes.

Sandra Rey (2008, p. 14) comenta que o artista, escrevendo sobre sua produção, deve sempre ter a clareza de que tal reflexão e análise da obra se situa do lado da criação e do processo, não da obra acabada. Visto que o objeto de estudo e o próprio artista mantém uma relação de não linearidade, sendo ao mesmo tempo material e simbólico, partindo deste sujeito-artista, assim, sempre estará presente uma dimensão desconhecida.

Ao escrever teoricamente sobre a sua produção particular, o artista não possui plena consciência do que ele faz ou do porquê está fazendo. Tais decisões da poética artística, muitas das vezes, intuitivas, permanecem no plano das incógnitas, sem tradução em forma de autoanálise, neste caso, escrita. “Na elaboração escrita é importante ter presente que o processo artístico envolve uma dimensão inconsciente, independentemente do conhecimento que o artista detém” (Rey, 2008, p. 14).

Visto tais considerações, problemáticas subjetivas emergem no meu entendimento sobre a prática artística em discussão: Qual a dimensão de conhecimento eu tenho sobre o meu fazer artístico e os impulsos e contextos engendrados nele? Até que ponto os pedidos de desculpas foram assimilados? Eles tornaram-se uma ética de como se comportar ou não, diante da vida e na relação com os outros?

### **Insaturação Artística**

A instauração do trabalho *Notas de pedidos de desculpas* tem o seu início anterior aos processos ditos artísticos, pois parte de uma motivação profunda face às imposições da vida corrente, que me levaram a escrever e produzir artisticamente. Em meio a um episódio traumático em minha vida, me vi diante de um mundo diferente, mas principalmente, de um novo “eu” que não poderia e conseguiria continuar experienciando o mundo da mesma forma que ocorria anteriormente.

Percebi que meus sentimentos, emoções, angústias e dores, ou seja, minha subjetividade, estava me sufocando diante da agonizante realidade



do mundo que acabara de se tornar evidente para mim. Compreendi que era necessário exteriorizar tais questões, sendo uma primeira e ótima alternativa, a escrita de pequenos textos. Essa escrita, além de trazer uma satisfação pessoal, auxiliou na compreensão do contexto pelo qual eu estava passando e abriu a brecha para uma possível realização artística.

Diante de tal constatação e consciente do meu “eu” artista-pesquisador, vislumbrei na arte, especificamente na pesquisa que estava desenvolvendo, uma alternativa e possibilidade para exteriorizar toda a minha subjetividade, ressaltada por meio das últimas experiências que havia vivenciado. Ainda sob a perspectiva que tais acontecimentos me moldaram como um novo sujeito, um outro “eu”, desconhecido de mim, e que eu gostaria de explorar e indagar, do ponto de vista das artes visuais, de modo que a arte me auxiliaria nesse processo de conhecimento e autocuidado do meu novo “eu”.

Nessa perspectiva, tanto compreendendo a escrita como uma possibilidade de exteriorização da minha subjetividade, quanto a arte, como um meio de potencializar e refletir sobre o meu novo “eu”, desenvolvi a série de trabalhos, na linguagem de instalação, denominada NOTAS, a qual pertencem mais três trabalhos, além da obra em discussão, *Notas de pedidos de desculpas*. Os demais são intitulados *Notas do luto de um amor*, *Notas de um ano em (des)construção* e *Notas de alguém perdido de si*, todos em processo de instauração em 2024.

Tais trabalhos possuem em comum a presença da escrita como elemento compositivo, explorado esteticamente, visando a construção de um conjunto de obras, também coeso visualmente. Utilizo os mesmos materiais em toda a série de trabalhos, assim como investigo a materialidade deles com o desenvolvimento de analogias sobre as suas características, em vinculação com as questões subjetivas que formam o conteúdo de NOTAS.

O desenvolvimento do trabalho se dá por meio da leitura de um texto que ressalta a importância da consciência e do ato de desculpar-se a si mesmo. Iniciei esse processo poético escrevendo os inúmeros pedidos de desculpas, os quais foram escritos no decorrer do tempo, sem a pressão do estabelecimento de um prazo para a finalização, pois as desculpas presentes na obra iam surgindo naturalmente, durante minha vivência consciente do



meu novo “eu”.

Esses pedidos de desculpas emergiam à medida em que eu compreendia e refletia sobre as experiências precedentes que impulsionaram esse trabalho. Ao mesmo tempo, outros surgiam na vivência de situações similares, assim como alguns afloram no meu consciente, logo após a ocorrência de novos acontecimentos em minha vida.

Esses pedidos eram registrados – antes de serem traduzidos definitivamente para os elementos compositivos da obra – por coincidência, no aplicativo de notas do *smartphone*, visto a presença constante deste dispositivo em nossas vidas e a facilidade de acesso rápido ao conteúdo, em meio a naturalidade do surgimento das desculpas em minha mente.

Concomitantemente à escrita das notas, eu pensava na forma de apresentação e em quais materiais poderiam ser utilizados na instauração da obra. Sendo este o primeiro trabalho concebido dentro da série, os materiais utilizados neste trabalho forneceriam uma diretriz para os demais.

Na perspectiva de, normalmente, pedidos de desculpas serem endereçados de forma particular e íntima a alguém, imediatamente a ideia de envelopes veio à mente, visto as características de confidencialidade atreladas aos envelopes e interpretando os pedidos de desculpas como uma espécie de carta. No entanto, tais desculpas são direcionadas a mim mesmo e exteriorizadas e traduzidas na forma de trabalhos artísticos compartilhados com o público, evitando um possível egocentrismo na obra apresentada. A criação de envelopes em material transparente, como os confeccionados em papel vegetal, apresentou-se como uma excelente alternativa de troca de experiências com o público futuro.

A obra em questão, *Notas de pedidos de desculpas* (Figura 2) é formada exclusivamente por envelopes quadrados, medindo 10 cm, em material transparente (papel vegetal). Na escolha desses elementos articulou-se a vulnerabilidade do conteúdo destes pedidos de desculpas presentes no interior dos envelopes, analogamente visíveis e desvelados pelas características de translucidez do papel vegetal. Visualmente, apresentam também uma fragilidade como as subjetividades sensíveis exteriorizadas nessas desculpas, resultantes de fraquezas, falhas e equívocos.



Figura 2 – Envelopes, *Notas de pedidos de desculpas*, Emerson Massoli (2024)



Fonte: acervo Emerson Massoli.

Na mesma perspectiva, os envelopes são expostos de modo a aparentarem estar abertos. Pela condição de o papel que contém o pedido de desculpa estar com uma parte aparente, saindo do interior do envelope, a curiosidade do espectador/participante em descobrir o que está escrito naquele pedaço de papel presente dentro daquele objeto confidencial é intensificada visualmente. Desta forma, induz-se o público à participação física, aproximando-se dos elementos, manuseando os papeis e descobrindo os pedidos de desculpas revelados no envelope.

Minha prática artística é conduzida por processos híbridos, os quais articulo via tecnologias analógicas e digitais, técnicas manuais e automatizadas, ao mesmo tempo que são associadas diferentes subjetividades, advindas do uso e interação com cada ferramenta, material ou/e dispositivo envolvido no uso de cada tipo tecnológico. Meu fazer artístico é atravessado por essas diferentes subjetividades, compreendidas como mais sensíveis e concretas fisicamente, quando estou produzindo em contato manual com tecnologias analógicas, e mais neutra e estática, quando estou produzindo na interação com tecnologias digitais automatizadas. Apesar de diferentes entre si, elas me constituem como artista e são hibridizadas em minha prática artística. Tais características servem também

como conceito para a instauração das produções.

No trabalho em discussão, esses processos híbridos estão presentes na escrita dos pedidos de desculpas, envolvendo diferentes tecnologias, meios e ambientes. Assim como são construídas analogias, relacionando esses processos e os conteúdos que impulsionam esse fazer artístico. Nesse contexto, a escrita das desculpas acontece em dois momentos e ambientes diferentes: um no virtual, com a digitalização, e outro no físico, com a escrita manual (Figura 3).

Figura 3 – Escrita digitalizada e manual dos pedidos de desculpas

**EU ME DESCULPO POR PEDIR  
DESCULPAS INÚMERAS VEZES  
POR COISAS QUE NÃO ERAM  
CULPA MINHA**



Fonte: acervo Emerson Massoli.

No virtual, a escrita dos pedidos de desculpas é feita por meio da digitalização em *software* de processamento de texto, de forma simples, automatizada, indiferente e padronizada, características ressaltadas ainda pela escolha de fonte, clara, em preto e em letras capitais, possibilitando a maior compreensão possível. Assim, é possível manter o minimalismo visual da obra como um todo, visto que a complexidade está no conteúdo da escrita.

Todo o processo de escrita/digitalização foi registrado em vídeo e incorporado no trabalho por meio de QR Codes, impressos também em papel vegetal e colados no verso de cada envelope. Cada um deles é

referente à digitalização individual do mesmo pedido de desculpas presente na forma física, dentro do envelope. Assim, possibilitamos a interação do público com a produção, também de forma digital, com a leitura dos códigos.

Esse processo de escrita virtual, analogicamente, relaciona-se às questões de que, apesar dos pedidos de desculpas serem direcionados a mim e advindos das minhas experiências de vida, modos de viver o mundo e se relacionar com o “outro”, eles também podem ser absorvidos pelo público que entra em contato com o trabalho, podendo ou não se identificar com as desculpas presentes nos envelopes e, neste caso, especificamente nos QR Codes e vídeos. Compreendo que esse reconhecimento seja maior com a escrita digitalizada, pois é um modo de escrever visualmente impessoal e padronizado, se comparado com a escrita manual.

O outro momento da escrita dos pedidos de desculpas acontece de forma manual. Escrevo com caneta sobre o papel cada uma das desculpas. Tais papéis estão dobrados e presentes no interior dos envelopes, não mostram a escrita: neste momento, com a escrita manual, interpreto que sejam pedidos privados e íntimos, os quais, para o público ter acesso, precisam ser manuseados, desdobrados e lidos. Esse manuseio diferencia-se dos vídeos acessíveis facilmente nos QR Codes, com o auxílio de smartphones.

Desenvolvo a escrita manual como um dos processos de instauração dos trabalhos e escolho fazê-la presente como elemento físico e estético nas produções, como uma referência, vestígio e analogia à minha presença pessoal, subjetivada e artística no interior da obra. A manualidade da minha escrita é única, assim como a de qualquer outro indivíduo, ainda que o conteúdo destas produções seja advindo diretamente de mim como sujeito. Desta forma, verifico na escrita manual a minha presença nas produções, incessante, mas camuflada.

Com a escrita manual dos pedidos de desculpa, considero que as subjetividades envolvidas no conteúdo desses escritos se concretizam em meu racional. Torno-me consciente das atitudes que provocaram o incômodo em meu consciente para a concepção dessas desculpas, que se tornam mais concretas, sendo exteriorizadas por meio da escrita, desta



vez, manual, e traduzidas em forma de arte, entendida nesse processo artístico como uma poética radicante de imersão subjetiva, gerando um conhecimento e cuidado de si próprio.

O encaminhamento do trabalho contribui para ampliar a minha conscientização do conceito de repetição envolvido na escrita destas frases. À medida em que repito a escrita do mesmo pedido de desculpas (no bloco de notas do smartphone, na digitalização e na escrita manual), sua significação é ressaltada em meu consciente, que se materializa nesse processo. A repetição é presente nesta poética, tanto teoricamente, como um conceito, quanto artisticamente, como processo artístico.

A repetição é o fio condutor da pesquisa e é percebida visualmente na instalação, nos 30 envelopes; na visualidade dos QR Codes; e na escrita das frases, todas iniciadas com a expressão "Eu me desculpo por...". Assim ela também pode ser apreendida como um modo de trabalho, uma técnica, referente aos atos repetitivos presentes nas diferentes formas de escrever os pedidos de desculpas, repetindo a mesma frase inicial.

Gilles Deleuze (2018, p. 18) comenta que "repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. Como conduta externa, esta repetição talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular que a anima". Diante do exposto, entendo que a repetição é uma potência interna e acontece devido a uma força presente no interior do sujeito que realiza tal repetição, visto a singularidade do ato de repetir e a execução sobre algo único.

Entendido isso, eu, como sujeito-artista possuo uma força interna que conduz para a repetição. Neste caso, identifico esta força como a necessidade de exteriorizar minhas questões mais profundas, advindas da subjetividade. Eu as exteriorizo e as repito por meio de processos artísticos, os quais - seja nas questões subjetivas ou na prática artística - são únicos e sem semelhantes, como o autor descreve, podendo, assim, serem repetidos.

Se a repetição pode ser encontrada, mesmo na natureza, é em nome de uma potência que se afirma contra a lei, que trabalha sob leis, talvez superior às leis. Se a repetição existe, ela exprime ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos esses aspectos, a repetição é a transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística (Deleuze, 2018, p. 19).

Com a repetição sendo uma transgressão, em diversos significados, nela também está contida a diferença, que em princípio poderia ser incompatível com a repetição. Mas, é por meio dela, que a diferença aparece. “Entre a repetição e a semelhança, mesmo extrema, a diferença é de natureza” (Deleuze, 2018, p. 17). Nessa perspectiva, a diferença se faz presente na repetição à medida em que o singular é repetido, pois, apesar das semelhanças, a unicidade é mantida.

Apesar da semelhança visual entre os elementos compositivos do trabalho, cada um deles possui sua singularidade, seja em relação aos envelopes ou aos QR Codes. No entanto, essa singularidade entre os repetidos é mais visível na escrita manual, que, apesar de ser uma forma de identidade, a cada nova escrita da frase “Eu me desculpo por...”, diferenças vão surgindo, nem que sejam mínimas, configurando uma individualidade para cada uma delas, mas também formando um conjunto, quando compreendidas como um todo.

Na mesma perspectiva, Deleuze afirma que “a repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla” (Deleuze, 2018, p. 17,). Essa afirmação esclarece bem a intenção dada a minha prática artística. O intuito e a motivação para a realização da poética, como um todo, é a exteriorização e a tradução da subjetividade em algo concreto, viabilizado pela arte. Assim, a arte transfigura, modifica o pensamento em obra e a obra em pensamento. Formalizado nesta pesquisa, me vejo transformado nesse fazer artístico, por meio da repetição, como



processo instaurativo de arte.

A mudança se desenvolve na intercorrência de minha subjetividade no conteúdo das produções resultantes da prática artística. Prática que me leva a questionamentos e reflexões que oscilam entre o modo de vivenciar o mundo e se relacionar com o “outro”. Reverberando em um autoconhecimento e um cuidado de si, e potencializando a aplicação desses novos princípios sobre as situações futuras.

Nessa mesma perspectiva, intenciono com este trabalho impactar subjetivamente o público que entra em contato com a obra. A instalação convida o espectador/participante a interagir com os elementos compositivos do trabalho. A montagem da proposta ocorre dispendo os envelopes de forma suspensa no espaço, em diferentes alturas, criando um ambiente que convida o público à interação.

Nessa instalação, a interação ocorre de dois modos distintos: em um deles o participante interage virtualmente com os elementos digitais do trabalho, por intermédio dos QR Codes, visualizando a escrita digitalizada dos pedidos de desculpas. O outro é caracterizado pela fisicalidade envolvida em diferentes formas de participação, podendo ocorrer pelo deslocamento no interior da obra, com o indivíduo circulando entre os elementos – envelopes; manipulando os pedidos de desculpas localizados no interior deles, retirando e desdobrando-os para descobrir e ler o pedido de desculpa escrito manualmente.

A interação física com o trabalho é intensificada pela presença na instalação de um envelope, em dimensão maior do que os demais, contendo na parte frontal a frase “Do que você se desculpa?”. Essa questão induz o público a participar do trabalho, escrevendo seus próprios pedidos de desculpas, utilizando os papéis deixados próximos ao envelope. Nesses papéis encontra-se a escrita da mesma frase inicial das desculpas da instalação, “Eu me desculpo por...”, onde as reticências instigam o público a interagir, completando o pedido de desculpas (Figura 4).

Figura 4 – Interação, *Notas de pedidos de desculpas*, Emerson Massoli (2024)



Fonte: acervo Emerson Massoli.

Proporcionar a participação do público por meio da escrita de seus próprios pedidos de desculpas vai ao encontro com o meu desejo de levar o espectador, assim como eu, a pensar sobre as suas ações e visões de mundo, bem como em suas experiências de vida e sua relação com o “outro”, por meio da intervenção feita na obra.

Além da oportunidade de participar ativamente do trabalho, com seus pedidos singulares de desculpas, o público também tem a possibilidade de se identificar diretamente com os demais pedidos, exteriorizados da minha subjetividade em forma de arte, mas que podem coincidir com as experiências de outras pessoas. Sobre isso, Michel Foucault (2002) comenta que a escrita sobre si pode servir como um ensinamento ao outro, oferecendo, simultaneamente, um autoconhecimento a quem escreve e um ensinamento a quem recebe e entra em contato com esta escrita (Foucault, 2002, p. 145).

Os cadernos de notas, que, em si mesmos, constituem exercícios de escrita pessoal, podem servir de matéria prima para textos que se enviam aos outros. [...] A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto de escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe (Foucault, 2002, p. 145).

Nesse sentido, identifico a prática artística envolvida na instauração da obra *Notas de pedidos de desculpas* como uma potência para a exteriorização de questões e subjetividades próprias da minha vida e da minha relação com o "outro", dentro do contexto contemporâneo. Assim, permito-me um maior conhecimento acerca do meu "eu" e um autocuidado. Contudo, tal produção, assim como a arte, não pertence apenas ao artista, autor da obra, mas sim, ao mundo e ao restante das pessoas, os outros.

### Considerações finais

Nessa experiência poética, eu como sujeito-artista contemporâneo, abordo o fazer artístico nessa pesquisa como uma possibilidade de mergulhar em minha subjetividade e investigar como a repetição afeta tais aspectos singulares. É através da arte que exteriorizo minhas questões internas a partir do fazer artístico. Portanto, na instauração da obra *Notas de pedidos de desculpa*, reflito e vivencio os problemas inerentes à obra em sua instauração confrontada com minhas experiências de vida e, principalmente, com a relação e contato com o Outro.

Logo, durante os processos de instauração do trabalho, torno-me mais consciente das vivências que provocaram o impulso criativo para a realização desta poética. Em consequência, dá-se a concretização em forma de arte destes conteúdos subjetivos. A partir desses conteúdos vou identificando e desvelando novos fragmentos do meu Eu, até então incógnitas para o meu consciente, pois assim como qualquer outro sujeito, estou em constante construção e descoberta de mim mesmo. Nessa produção artística materializo esses fragmentos subjetivos como pedidos de desculpas numa estética de repetições.

Em minha poética esse conhecimento de si está vinculado também

à escrita como um elemento visual, explorado esteticamente dentro das produções. A escrita é entendida como uma ferramenta e técnica artística, colaborando para a exteriorização da minha subjetividade, ao mesmo tempo que é uma técnica dentro dos processos artísticos é também uma técnica de autoconhecimento e cuidado, fazendo-me refletir e conscientizar-me da minha própria subjetividade.

Na perspectiva de utilização da escrita como uma técnica artística e possibilidade de exteriorização das subjetividades, o trabalho conjunto com processos híbridos, envolvendo a manualidade e os automatismos, potencializa que diferentes subjetividades surjam em meio a esse processo, cada uma vinculada a um modo de escrever, em ambiente e com ferramentas diferentes entre si.

Essas diferenças subjetivas também são percebidas nas repetições presentes durante a instauração do trabalho e na sua própria visualidade. Possuindo a repetição como ponto central da pesquisa, teórica e artisticamente, as diferenças surgem como naturais em todo esse processo. A repetição como fio condutor da pesquisa, possibilita a reflexão sobre a constante presença deste ato em nossa vida cotidiana. Ao mesmo tempo que traz à tona a problemática do “porquê” repetimos? Seria esse um gesto comum aos sujeitos contemporâneos? Quais seriam as consequências destas repetições?

A repetição atrelada à diferença, possibilita a reflexão e me pergunto também quais mudanças ocorrem em mim a partir dessa realização poética? Estaria aí uma força imperativa que potencializa e interfere em minha subjetividade? Ou o Eu do começo da instauração do trabalho “Notas de pedidos de desculpas” continua sendo o mesmo Eu no ápice desse processo? Quero esperar que as mutações próprias da criação artística sejam reflexos de mudanças do sujeito-artista que busco ser.

## Referências

BADIOU, Alain. *As condições da arte contemporânea*. Tradução: Jorge Soledar. Disponível em: [https://www.academia.edu/30975674/As\\_Condi%C3%A7%C3%B5es\\_da\\_Arte\\_Contempor%C3%A2nea\\_2013\\_Alain\\_Badiou\\_trad\\_Jorge\\_Soledar\\_](https://www.academia.edu/30975674/As_Condi%C3%A7%C3%B5es_da_Arte_Contempor%C3%A2nea_2013_Alain_Badiou_trad_Jorge_Soledar_). Acesso em: 20 ago. 2024.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (org.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. São Paulo: Zahar, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 2002.

\_\_\_\_\_. *As técnicas de si*. 1994. Disponível em: [michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/tecnicas.pdf](https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/tecnicas.pdf). Acesso em: 22 ago. 2024.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REY, Sandra. A dimensão crítica dos escritos de artistas na Arte Contemporânea. In: *PÓS*, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, 2008, p. 08-15, 2008.